



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NA MÍDIA: A IMAGEM DE “DILMA FAXINEIRA”

Sidnay Fernandes dos SANTOS¹

Resumo: Neste artigo, pensamos sobre algumas possibilidades de articulação entre a História Cultural e a Análise do Discurso. E, para ilustrar uma dessas possibilidades, elegemos questões referentes à leitura com enfoque nos fatores que podem exercer determinadas coerções sobre os modos de ler (ou de dar a ler), no âmbito da Análise do Discurso de tradição francesa, e nos “protocolos” de leitura postulados por Roger Chartier, no interior da História Cultural. Nosso *corpus*, configurado em torno do acontecimento discursivo *a atitude da presidente Dilma Rousseff diante de escândalos de corrupção*, constitui-se de textos publicados nas revistas *Veja* e nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, publicados durante o ano de 2011.

Palavras-chave: Análise do Discurso. História Cultural. Leitura. Corrupção. Faxina.

Abstract: This meta-paper describes the style to be used in articles for publication in *Anais do V Colóquio da ALED*. All papers should add an abstract in the *language in which is written the article* (Portuguese) and we also ask for an abstract in English, Spanish, French. Each abstract should not exceed 10 lines and must be in the first page.

Keywords: computational linguistics; excessive resolution; empirical segmentation.

Introdução: informações gerais

Nosso objetivo primeiro neste estudo é pensar, brevemente, sobre a contribuição que a História Cultural pode oferecer para o campo da Análise de Discurso de orientação francesa de forma a ampliar teoricamente o olhar do pesquisador e, conseqüentemente, fortalecer o campo de análise linguístico-discursivo.

Assim, estabelecemos um diálogo entre os fatores que podem exercer determinadas coerções sobre os modos de ler (ou de dar a ler), no âmbito da Análise de Discurso de tradição francesa, e os “protocolos” de leitura, postulados por Roger Chartier, no interior da História Cultural.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos e Professora do Curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, *Campus VI*.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

É, para mostrar a produtividade dessa articulação, elegemos um *corpus* constituído em torno do acontecimento discursivo a atitude da presidente Dilma Rousseff diante de escândalos de corrupção. Seleccionamos esse *corpus* e esse acontecimento discursivo², considerando, principalmente, as colocações de Pesavento (2005) sobre os modos como os historiadores culturais dão a ler o passado / “dão a ver um Outro”, na tentativa de refletir como os sujeitos enunciadorees das instituições midiáticas *Veja*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* dão a ler a atitude da presidenta Dilma Rousseff diante de alguns escândalos de corrupção que emergiram durante o ano de 2011.

Inicialmente, apresentamos algumas questões teóricas e, posteriormente, focalizamos o nosso material de análise, questionando: Como se dá uma orientação de leitura? Como se dá a produção de um efeito de sentido?

Contribuições da história cultural para a análise de discurso

Para pensarmos em possíveis relações a serem estabelecidas entre a História Cultural e a Análise do Discurso, discutimos, em linhas bem gerais, algumas questões acerca desses dois campos teóricos.

Pesavento (2005a, p.8) assinala que a “crise dos paradigmas explicativos da realidade ocasionou rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História”. A partir dessa época – maio de 1968 ou os anos 1970 – novos grupos sociais, portadores de novas questões e interesses, entram em cena, forçando o surgimento de um novo paradigma, que passa a ser estabelecido a partir de então. E se configura, especificamente, uma Nova História que, de acordo com Burke (1997, p.397) busca “substituir a narrativa tradicional de acontecimentos por uma história problema, descrever/reconhecer a história além dos fatos políticos, buscando os elementos de todas as atividades humanas”.

É nesse contexto, ou melhor, é “de dentro da vertente neomarxista inglesa e da história francesa dos *Annales* que veio do impulso de renovação” (PESAVENTO, 2005a, p.10) que surge a História Cultural entre o final da década de 1980 e início dos anos 1990. Os

² A noção de acontecimento discursivo é estabelecida aqui a partir das colocações de Pêcheux em *O Discurso: Estrutura ou acontecimento* (1983), em que o autor considera o linguístico e o histórico das materialidades discursivas.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

historiadores culturais são considerados herdeiros dos historiadores dos *Annales*, não só por romper com a perspectiva positivista da história, limitada as narrativas de acontecimentos em tempo breve, como também pela renovação das pesquisas históricas que, a partir do movimento dos *Annales*, amplia o campo da História para a compreensão das atividades humanas no âmbito das Ciências Sociais, considerando-as pelo viés pluridisciplinar.

Pesavento (2005a, p. 15) destaca ainda que, se “a História Cultural é chamada de Nova História Cultural [...] é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura”, pensando-a como um “conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”, ou ainda como “uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica”.

A autora afirma que o elo comum entre os historiadores culturais Roger Chartier, Robert Darnton e Carlo Ginzburg é o pensamento que direciona o modo de trabalhar, ou seja, eles se deixam conduzir pela “mesma ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas” (2005a, p.17).

Burke (2005), referindo-se a “paradigma” no sentido empregado por Thomas Kuhn acerca da estrutura das “revoluções” científicas, diz que a Nova História Cultural segue um novo paradigma e “é a forma dominante de história cultural”, cujas bases são bastante ecléticas. E, nesse sentido, apresenta Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu como quatro teóricos importantes para os praticantes da Nova História Cultural. Afirma ainda que esses quatro teóricos encaminharam os historiadores culturais a pensarem nas representações e nas práticas, os dois aspectos característicos da História Cultural, conforme um de seus líderes, Roger Chartier (BURKE, 2005, p.78).

Para Burke (2005, p.82), “uma das formas mais populares da história das práticas é a história da leitura, definida, por um lado, em contraste com a história da escrita, e, por outro, com a precedente ‘história do livro’”.

Quanto ao conceito de representação, categoria central nesse campo, Pesavento (2005) assinala que, pelo fato de os indivíduos e grupos darem sentido ao mundo por meio das representações que constroem da realidade, representar é “estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência” (PESAVENTO, 2005b, p. 39-40). E a História Cultural teria como proposta “decifrar a realidade do passado por



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”. (PESAVENTO, 2005b, p.42).

Ferreira (2006) recorre à perspectiva histórica concebida por Chartier, no âmbito da História Cultural, para articular as suas reflexões empreendidas no interior dos estudos discursivos e apresenta duas razões para essa escolha. Uma, por conta do caráter sistemático e produtivo da perspectiva da abordagem de Chartier que se volta para a compreensão histórica da circulação dos objetos culturais numa dada sociedade e outra, pelo interesse central desse autor na questão da leitura e do livro.

Em termos mais gerais, pode-se dizer que as interfaces entre a Análise de Discurso e a História Cultural estão pavimentadas, primordialmente, no fato de ambas as teorias trabalharem com produções simbólicas, sejam elas práticas discursivas ou não discursivas; a produção de sentidos é, portanto, o foco central desses dois campos do saber.

O diálogo entre essas duas perspectivas teóricas ainda pode ser estabelecido por conta de seus pressupostos serem balizados pela mesma concepção de sujeito: sócio-historicamente determinada. Além disso, ambas as áreas pressupõem diferentes ordens de coerção que regulam as representações e não objetivam ser o árbitro do sentido dos textos, mas levam em conta como ele é produzido e como circula em uma determinada época e em uma dada sociedade, de forma a se preocuparem com as instâncias de produção, mediação e recepção discursivas e/ou culturais.

Acreditamos que a partir dessas colocações, múltiplas possibilidades de aproximação podem ser estabelecidas. A nossa proposta focaliza a prática da leitura em revistas e jornais (*Veja, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo*), a partir do conceito de “protocolos” de leitura, proposto por Chartier (1996), e de fatores pelos quais o número de leituras possíveis se restringe no campo da Análise de Discurso, conforme apresentação de Possenti (2001), com o intuito de refletir sobre os modos como os sentidos são constituídos, formulados e dados a circular em determinadas instituições midiáticas que, por sua vez, inserem-se numa dada conjuntura sócio-histórica.

Chartier (1996, p.95) apresenta dois tipos de protocolos de leitura. O primeiro ocorre no nível da construção textual e é operacionalizado sob a responsabilidade direta do autor, refere-se às “senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

produzir uma leitura correta dela”. “Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido.”

O segundo tipo de protocolo de leitura ocorre no nível da configuração formal do objeto impresso e é feito pelo editor; são “senhas” que se cruzam as primeiras, só que estas dizem respeito à disposição e à divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Para o autor, “os dispositivos tipográficos têm, portanto, tanta importância ou até mais, do que os “sinais” textuais, pois são eles que dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto” (1996, p.98).

Quanto à gênese da Análise de Discurso, destacamos os meados da década de 1960 na França como o palco de discussões que buscam articular língua e história. E os intelectuais da época - de diversas áreas do saber -, inquietos diante das dificuldades que os alunos demonstravam para interpretar os textos, começam a pensar na questão de como ler. Então, desde a gênese da Análise de Discurso, a questão da leitura é central para essa abordagem teórica. Mas queremos destacar apenas, aqui, que o conceito de discurso – concebido simultaneamente como estrutura e acontecimento - diferencia a perspectiva da leitura no âmbito da Análise de Discurso.

E, nesse sentido, Possenti (2001, p. 24-25) assinala que “a leitura não é a leitura de um texto como texto, mas como discurso, isto é, na medida em que é remetido às suas condições, principalmente institucionais, de produção”. Assim, um texto jamais pode ser lido isoladamente, jamais pode ser limitado ao seu material verbal, jamais pode ser abordado sob a perspectiva da linguagem transparente e jamais pode ser visto como o único fornecedor de todas as condições necessárias para a sua leitura.

Possenti (2001, p.28) destaca ainda que, se a Análise do Discurso considera o sujeito como um efeito da história, da linguagem, etc. (e não como origem do discurso/sentido – concepção da pragmática), a concepção de leitor deve ser compatível a essa concepção de sujeito e, por isso, o leitor deve estar submetido às restrições do discurso. Nessa perspectiva, o autor aponta fatores que possivelmente restringem o número de leituras: o pertencimento de um enunciado a uma formação discursiva, a um gênero e a relação entre um texto e um autor (e outros textos do mesmo autor e outros textos de um certo tipo) (POSSENTI, 2001, p.24).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Essas breves considerações possibilitam-nos situar aspectos fundamentais sobre a questão da leitura que tentamos mobilizar no exercício de análise que desenvolvemos a seguir, nessa perspectiva de aproximar História Cultural e Análise de Discurso.

COMO A MÍDIA DÁ A LER A ATITUDE DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF?

Com o objetivo de interpretarmos como os sujeitos enunciadorees das instituições midiáticas que selecionamos dão a ler a atitude da presidenta Dilma Rousseff diante de alguns escândalos de corrupção, que emergiram durante o ano de 2011, mobilizamos como *corpus* textos publicados em: *Veja*: a reportagem “O mensalão do PR” – 6 de julho - e a carta ao leitor “Toda a força à presidente” – 17 de agosto; *Folha de S. Paulo*: texto “Dilma promete que ‘sairão todos’” - 23 de julho -, texto “ PT cobra de Dilma afastamento de afilhados de Lupi” - 25 de novembro - e “O mundo e a fome” - 06 de dezembro; e *O Estado de S. Paulo*: o *cartum* publicado na Seção “Sinais Particulares” em 22 de agosto.

Durante o segundo escândalo de corrupção no governo Dilma Rousseff, que atingiu diretamente o Ministério dos Transportes, acusado de cobrar propina de 4% de empresas em troca de contratos superfaturados para a construção de rodovias e ferrovias, a revista *Veja* publicou uma reportagem no dia 6 de julho de 2011, intitulada “O mensalão do PR”.



Figura 01 – *Veja*, 06/07/2011, p.64-65

Tendo em vista que tanto para a Análise de Discurso quanto para a História Cultural a forma de dizer já é em si conteúdo, consideramos, inicialmente, o projeto tipográfico desse texto. O título “O mensalão do PR”, em letras garrafais grandes, ocupando quase as duas páginas, e a valorização do imagético, em simetria com os curtos textos verbais, atribuem às informações veiculadas por essa reportagem uma narratividade, em certa medida, “fictícia”.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Na página esquerda da revista, há a fotografia da presidenta Dilma Rousseff, em tamanho grande, espalhada por toda a página; há também alguns textos verbais destacados. Já, na página direita, há uma fotomontagem do Ministro dos Transportes Alfredo Nascimento, em tamanho pequeno, e, como há mais espaço, priorizam-se os textos verbais.

A fotografia mostra a presidenta em pé, com a boca aberta, olhar bem direcionado para a pessoa com quem ela fala, sobrancelhas um pouco levantadas e arqueadas, o braço esquerdo esticado e o dedo apontando para frente. Tal expressão facial e gestualidade expressam firmeza ao falar. Mas, da forma que foi tipograficamente projetada nessa página, simula que ela está dando diretamente uma bronca em Alfredo Nascimento. Na fotomontagem, este aparece sentado num banquinho, com as mãos entrelaçadas e apoiadas sobre as pernas, com o olhar meio cabisbaixo. E, ironicamente, o sujeito enunciador, apresenta-o, parcialmente, travestido de imperador e com um chapéu de papel na cabeça, onde está escrito “4%”.

Na página esquerda, o desenho dos balões, nos quais são colocados enunciados destacados de algumas falas da presidenta e que constam como citações no texto da reportagem: “Esse ministério está descontrolado. Vocês são inadministráveis e estão inviabilizando o meu governo.” e “Vocês precisam de babá. E terão três a partir de agora: a Miriam, a Gleisi e eu!”, são também “senhas” explícitas que julgamos relevantes para a produção de sentidos que a revista começa a colocar em circulação.

A legenda que acompanha a fotografia de Dilma “VAI ENCARAR? Irritada. Dilma cobrou – e ainda não recebeu - explicações sobre a majoração do custo de obras: ‘Não há orçamento fiscal que resista’” também complementam os sentidos em construção perante a postura firme da presidenta diante das denúncias que recaem sobre o Ministério do Trabalho.

Na reportagem, o sujeito enunciador esclarece que a presidenta se reuniu com a cúpula do Ministério do Trabalho - reunião na qual o Ministro Alfredo Nascimento não estava presente - e cobrou explicações, dentre outras, sobre os aumentos sucessivos dos custos das obras em rodovias e ferrovias. De acordo com o sujeito jornalista, a presidenta “passou nos subordinados um daqueles pitos que parecem ecoar pela Praça dos Três Poderes, em Brasília, e alimentam a sua fama de durona” (*Veja*, 06/07/2012, p.65). A reportagem trata, assim, de um acontecimento histórico – reunião - que ocorreu em determinadas situações: sem a presença do ministro e a presidenta estava sentada, manuseando papéis. A reportagem aborda



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

também detalhadamente o suposto esquema de corrupção comandado pelo PR para cobrar propina das empresas.

Mas, imagetivamente, a presidenta é apresentada em pé, “passando um pito” no ministro Alfredo Nascimento, que se encontra acuadíssimo por conta do recebimento de seus 4% de proventos/propina e “pequenino” diante da presidenta. E, a partir dessa mistura entre realidade e ficção, *Veja* constrói sentidos que colocam em evidência a imagem da presidenta, atribuindo maior visibilidade à sua postura em detrimento das supostas irregularidades.

E, diante desse nosso primeiro gesto de interpretação, começamos a defender a hipótese de que o sujeito enunciador de *Veja* busca impor um protocolo de leitura, aproximando o leitor de uma maneira de ler que está começando a ser formulada e circulada na mídia jornalística: a presidenta Dilma está sendo muito dura diante das denúncias de corrupção.

Apesar de o Ministro dos Transportes ter saído do cargo no dia 06 de julho, o escândalo perdura ainda por um bom período atingindo dirigentes e um grande número de funcionários de instituições diretamente ligadas ao Ministério, como o Dnit e a Valec, e no dia 23 de julho, o jornal *Folha de S. Paulo* publica em sua primeira página uma manchete intitulada “Dilma promete que ‘sairão todos’”. No primeiro parágrafo do texto, emerge, entre aspas, o discurso citado da presidenta em meio aos enunciados do discurso citante:

“Sairão todos os integrantes do Dnit e da Valec”, afirmou a presidente Dilma Rousseff, em referência aos dirigentes dos órgãos do Ministério dos Transportes responsáveis por obras em rodovias e ferrovias e alvos de denúncias de corrupção, na maior crise do seu governo (*Folha de S. Paulo*, 23/07/2011, 1ªp.).

Ao fazer esse destaque “sairão todos”, o jornal não informa que a presidenta atribuiu ao pronome “todos” um caráter restritivo: todos os dirigentes/funcionários que estiverem comprovadamente envolvidos em corrupção. A presidenta mostrou-se firme diante desse escândalo e afirmou, em vários espaços midiáticos, que, se necessário, ocorreriam demissões, independentemente dos “endereços partidários”. Muitas demissões realmente ocorreram porque foram muitos dirigentes/funcionários do Dnit e da Valec que estavam envolvidos nos esquemas de corrupção.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

No caso desse texto, o jornal *Folha de S. Paulo* focaliza a fala “incompleta” da presidente Dilma, inscrevendo explicitamente a “senha”: “sairão todos” e direcionando o leitor para uma leitura, a autorizada: a presidente está sendo dura e firme diante da corrupção.

No dia 17 de agosto, quando já surge outro escândalo: o do Ministério da Agricultura, *Veja* publica, na Seção *Carta ao Leitor*, o texto “Toda a força à presidente”.



Figura 02 – *Veja*, 17/08/2011, p.12

Como é um editorial, esse gênero normalmente é apócrifo e apresenta a opinião da instituição. Nesse texto, para desejar “toda a força à presidente”, *Veja* retoma brevemente os escândalos que envolveram Palocci e o Ministério dos Transportes e apresenta algumas informações em relação ao atual escândalo (Ministério da Agricultura), que são aprofundadas no interior da reportagem. Mas que efeito de sentido *Veja* está produzindo com esse título? Ou, utilizando a “chave” dos “protocolos” de leitura, esse título está orientando o leitor para que direção?

A legenda ao lado da fotografia da presidenta: “Dilma Rousseff: que ela continue a limpar a administração pública dos corruptos que a infestam por causa do loteamento público” e o último parágrafo do texto: “Que Dilma Rousseff continue a fazer sua faxina e que seu exemplo se espalhe por todos os níveis da administração pública” sintetizam bem os sentidos que estão sendo formulados nessa materialidade discursiva. A revista não só elogia a postura da presidenta diante do escândalo anterior, mas, de antemão, já espera e, de certa forma, já cobra que ela atue da mesma maneira. E mais, o uso do termo “faxina”, inserido nesses dizeres, materializa um discurso que já está circulando – desde o início do escândalo



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

do Ministério dos Transportes - e que ganhou rapidamente grandes possibilidades de enunciabilidade: “A presidente Dilma está promovendo uma verdadeira faxina”.

Como já estamos tentando pontuar desde a reportagem de *Veja* de 06 de julho, esse discurso se entrecruza com outro, no qual está inserido, que diz respeito à construção da imagem de uma presidenta. E, nessa rede interdiscursiva da mídia, há “protocolos” que direcionam essas produções de sentidos e, conseqüentemente, o olhar dos leitores. A imagem que a mídia³ constrói da Dilma é, pois, de durona, de “faxineira”.

Acreditamos que, por metaforizar com elementos do cotidiano dos brasileiros, ou ainda com elementos do universo doméstico, de cunho machista, mobilizando saberes de um famigerado espaço que a mulher deve ocupar, a imprensa traz o termo “faxina” e este passa a fazer parte do vocabulário informal dos brasileiros. As instituições jornalísticas que comungam de um mesmo posicionamento político e ideológico já inseriram o termo em seu léxico e o utilizam naturalmente.

A presidenta Dilma, no entanto, nunca usou o termo “faxina” para caracterizar o combate ao malfeito. Pelo contrário. E, como exemplo, citamos um fragmento de seu discurso, proferido diretamente para os jornalistas no dia 24 de agosto, no Palácio do Planalto: “Eu não sei de onde saem as informações de vocês, mas tanto a forma como colocam a política do meu governo contra malfeitos, chamando-a de faxina, eu não concordo com isso”⁴. Concordando ou não, o termo “faxina” circulou muito durante o ano de 2011 e ainda está por circular nos mais diversos espaços midiáticos. Os sentidos produzidos em torno desse termo são sentidos em que suas histórias ainda estão em construção; pois, além de buscar construir a imagem da Dilma dura e firme diante da corrupção, busca, por outro lado, descaracterizar o seu governo.

Em 22 de agosto, na segunda página do jornal *O Estado de S. Paulo*, este cartum é veiculado:

³ Neste artigo, quando utilizamos o termo mídia para se referir à imagem que ela constrói da presidenta Dilma Rousseff, estamos nos restringindo às instituições com as quais trabalhamos: revista *Veja* e jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*.

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/08/dilma-diz-que-faxina-em-ministerios-nao-e-meta-de-governo.html>. Acesso em 26/02/2012.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

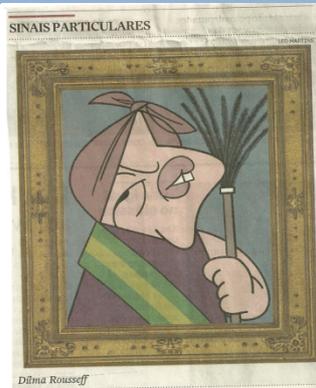


Figura 03 - *O Estado de S. Paulo*, 22/08/2011, p. A2

Na imagem, o sujeito cartunista joga com elementos do universo presidencial: a moldura do quadro, a faixa presidencial e elementos do universo do trabalho da faxineira: o espanador, o lenço. No local da foto presidencial, há a caricatura da presidenta Dilma Rousseff travestida de faxineira. E, como o gênero permite, o sujeito enunciadador brinca e constrói uma narrativa humorística dos fatos.

Os traços firmes, os dentes expostos, o olhar para baixo - meio de lado, estilo “rabo de olho” - expressam um semblante severo e o espanador levantado expressa firmeza e disposição para a atividade de “faxinar”. Constrói-se, assim, o sentido de que a presidenta não está para brincadeira.

A expressão facial que o enunciadador produz na caricatura corresponde aos sentidos que estão circulando na mídia e que estamos discutindo aqui. Intradiscursivamente, o sujeito cartunista atualiza já-ditos e, ao irromper com esse enunciado verbovisual, marca historicamente o novo, além de inseri-lo na rede interdiscursiva⁵, impondo o mesmo protocolo de leitura imposto pelos outros gêneros discursivos que já analisamos até agora.

Em novembro de 2011, quatro meses após o escândalo no Ministério dos Transportes e momento em que se começou a usar o termo “faxina”, o jornal *Folha de S. Paulo* publica um texto intitulado “PT cobra de Dilma afastamento de afilhados de Lupi”, onde se enuncia no primeiro parágrafo:

⁵ Estamos considerando aqui o conceito de memória discursiva proposto por Courtine (1999; 2009).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Com o ministro do Trabalho, Carlos Lupi (PDT), enfraquecido no cargo, o PT mudou de estratégia e decidiu cobrar abertamente que a presidente Dilma Rousseff ordene uma **faxina** para varrer pedetistas de postos do segundo escalão da pasta (*Folha de S. Paulo*, 25/11/2011, grifo nosso).

Nesse fragmento de texto, o termo faxina está sendo empregado não para demitir funcionários que estão sendo acusados de corrupção – o único acusado até então é o Ministro do Trabalho-, mas para demitir funcionários simplesmente por eles pertencerem a um partido político – PDT- o que implica mais espaço para a Força Sindical e o PT, segundo o enunciador, busca mais espaço para a CUT. Portanto, por se tratar de uma disputa política entre dois sindicatos, o vocábulo “faxina” foi utilizado simplesmente para significar demissão e não demissão de corruptos.

Parece que os partidos pressionam Dilma, já que a imagem que se construiu dela diante desses fatos é de que ela é firme e dura, é presidenta de atitude. Mas parece também que a mídia jornalística não esquece o termo “faxina”, pois não perde uma oportunidade de empregá-lo.

Em 06 de dezembro, sob a assinatura de Carlos Heitor Cony, a *Folha de S. Paulo*, veicula o texto “O mundo e a fome”, do qual citamos o segundo parágrafo:

Que muito trabalha, é verdade. Quase todos os dias, ela preside alguma cerimônia, assina isso e aquilo, trata dos idosos, das crianças, das florestas, da educação e da saúde. Mas a maior parte de seu expediente parece ser a tal **faxina** que não termina nunca, a política menor de cargos e comissões para consolidar sua base no Congresso e na mídia (*Folha de S. Paulo*, 06/12/2011, p. A2, grifo nosso).

O enunciador analisa o primeiro ano do governo Dilma e diz que a maior parte do expediente da presidente parece ter sido ocupado com a “tal faxina que não termina nunca”. Ao dizer que a presidenta ficou a maior parte de seu tempo ocupada com a “faxina”, não só prevalece a imagem de durona de Dilma, mas os sentidos produzidos são também de desqualificação de seu governo.

Retomando a questão que intitula esta seção: “Como a mídia dá a ler a atitude da presidenta Dilma Rousseff?”, constatamos que *Veja*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S.*



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Paulo produzem uma mesma orientação de leitura porque seus enunciados estão inscritos no interior de uma mesma formação discursiva.

Considerações finais

Já que constatamos que a orientação de leitura é comum nessas instituições midiáticas por conta da inscrição de seus enunciados no interior da mesma formação discursiva, vamos tecer mais algumas considerações no sentido de retomarmos a hipótese com a qual estamos trabalhando, nessa perspectiva de aproximação entre História Cultural e Análise de Discurso.

Veja, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo impõem, assim, uma leitura, cujas formulações de sentidos vão avançando ao longo dos acontecimentos históricos e discursivos, desde a imagem de uma presidenta dura, firme, “faxineira” até a imagem de um governo petista pouco operante, mal assessorado e corrupto. Interdiscursivamente busca ainda descaracterizar o governo Lula, seja pela referência direta do título “Mensalão do PR”, seja por enunciados outros que, por questão de espaço e foco, não mencionamos aqui. Esses posicionamentos discursivos materializados nos textos que analisamos permitem-nos dizer que essas instituições midiáticas, embora tentem mostrar-se imparciais, inscrevem-se numa formação discursiva mais de centro-direita, uma formação discursiva que não demonstra comungar, política e ideologicamente, com a linha do governo petista.

Há um momento em que tais instituições parecem “tecer uma teia” para Dilma, provocando-a a “fazer a faxina”, como se isso fosse um elogio, e tentando focar discursivamente a atenção de seu governo só para essa questão e ainda desejando mesmo que ela rompa com toda a sua base aliada. Em certo momento, e diante de tantas denúncias, parece que há sentidos produzidos na direção de tumultuar, em meio aos sentidos de construir a imagem da presidenta dura, firme e de postura ética.

Tendo em vista que, para a Análise de Discurso, é preciso considerar que as instituições exercem controle sobre os discursos, ressaltamos que as práticas jornalísticas são determinadas, conforme Callado (1997), pelo crivo editorial; a informação é primeiramente direcionada para o editor, só posteriormente para o leitor. Os jornalistas só podem, pois, formular enunciados que são autorizados pelo sistema de restrições que regula as práticas discursivas; só estes são colocados em circulação, só estes chegam aos leitores.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Mas nem todos os leitores comuns conhecem os bastidores das práticas que governam o discurso jornalístico. E, na sociedade contemporânea, o jornalismo ainda goza de certa credibilidade, principalmente, por defender objetividade e imparcialidade, dizendo tratar exclusivamente de transmitir informações. Barthes (1988, p.27) defende, todavia, que a objetividade não pode ser, a rigor, transferida para o discurso “senão por uma espécie de passe de mágica, um procedimento puramente metonímico, que confunde a precaução e o seu efeito discursivo”.

Como imagens, textos e comportamentos são fontes preciosas para a História Cultural e para o estudo das representações sociais, jornais e revistas são objetos culturais valiosíssimos. A prática discursiva da mídia jornalística oferece, portanto, fontes realmente preciosas para o pesquisador que trabalha entre os liames estreitos da Análise de Discurso e da História Cultural.

Ao pensar um pouco nas práticas da leitura a partir da mídia jornalística, observamos, baseados em postulados de Chartier, que nesse espaço discursivo também há fusão entre as noções basilares da História Cultural: representações e práticas. Acreditamos que as representações que a mídia coloca em circulação são fabricadas por meio de práticas discursivas e leituras impostas de modo “protocolar”. E, enquanto discursos que constroem representações, esses textos que circularam na mídia sobre a presidenta e, por extensão, sobre o seu governo, estão submetidos “a todas as restrições históricas que normalmente os afetam, e que afetam, portanto, seu autor e seu(s) leitor (es), submetendo-os tanto às regras de circulação quanto às de interpretação”. (POSSENTI, 2001, p.30).

Outra ideia de Chartier que também consideramos relevante refere-se à influência do suporte e da forma material do texto para gerar uma orientação de leitura, uma significação. Para Ferreira (2006):

Tanto a língua, bem com outras linguagens, em sua substancialização (gráfica, sonora, visual etc.) em sua formulação num gênero e em sua circulação num suporte, apresentam-se como instâncias simbólicas mediatizantes, intermediando o sujeito e o mundo, e os sujeitos entre si, instaurando nessa relação efeitos de sentido (FERREIRA, 2006, p.106)



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Todos os gêneros textuais – reportagem, notícia, editorial, artigo de opinião e cartum – que selecionamos e que circulam nos suportes revista – *Veja* – e jornal – *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* – exerceram influência singular no processo de produzir a orientação de leitura que verificamos nesta análise. E dizemos ainda que a produção dos efeitos de sentidos em torno da construção da imagem da presidenta durona e “faxineira”, por um lado, e, por outro, de um governo petista de pouca ação e assessorado por corruptos é altamente influenciada pelos suportes e por sua circulação.

Quanto mais a mídia coloca em circulação esses sentidos, maior a possibilidade de estabilizá-los. Por isso acreditamos que, na época de publicação dos textos que selecionamos, *Veja*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* estão “lutando” pela estabilização dos sentidos que o termo “faxina” evoca. Portanto, ao materializar esse sentido/esse termo e não outro, a mídia jornalística exerce sua função diante da escrita da história e opta pela possibilidade de gerar uma determinada memória. Lembramos, nesse sentido, que o discurso fica na memória porque circula e, segundo profere Pêcheux (1981), na abertura do Colóquio *Matérialités Discursives*, essa circulação não é aleatória.

Colocamos em diálogo algumas questões propostas por Chartier acerca dos protocolos de leitura e alguns fatores que restringem as possibilidades de leituras, no âmbito da Análise de Discurso, nessa perspectiva de analisar como a mídia dá a ler a atitude da presidenta Dilma Rousseff diante dos escândalos que elegemos. E, assim, podemos afirmar que a aproximação de conceitos dessas duas perspectivas teóricas é bastante produtiva para a análise de materialidades discursivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Braziliense, 1988.
- BURKE, P. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. Trad. Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- BURKE, P. Um novo paradigma? In: _____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 68-105.
- CALLADO, A.A. O jornalismo brasileiro visto pelos críticos. In: DINES, A., VOGT, C. e MELO, J.M. (Org.). *A imprensa em questão*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: _____. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996. p. 77-105



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

COURTINE, J-J. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F. e FERREIRA, M.C.L. *Os múltiplos territórios do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FERREIRA, L. C. *Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista Veja*. UNESP: Araraquara, 2006. (Tese: Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)

PÊCHEUX, M. Overture du Colloque Matérialités Discursives. In: CONEIN, B. COURTINE, J., GADET, F. MARANDIN, J.M. e PÊCHEUX, M. *Matérialités discursives*. Lille: Presses universitaires de Lille, 1981.

PÊCHEUX, M. (1983). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PESAVENTO, S.J. Clio e a grande virada da história. In: *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005a, p. 7-17.

PESAVENTO, S.J. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005b, p. 39-62.

POSSENTI, S. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? In: MARINHO, M. (Org.) *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 2001.

REVISTA VEJA. Edição 2224, Ano 44, nº 27, Editora Abril, 06/07/2011.

REVISTA VEJA. Edição 2230, Ano 44, nº 33, Editora Abril, 17/08/2011.

JORNAL FOLHA DE S. PAULO. 23 de julho de 2011.

JORNAL FOLHA DE S. PAULO. 25 de novembro de 2011.

JORNAL FOLHA DE S. PAULO. 06 de dezembro de 2011.

JORNAL O ESTADO DE S. PAULO. 22 de agosto de 2011.

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/08/dilma-diz-que-faxina-em-ministerios-nao-e-meta-de-governo.html>. Acesso em 26/02/2012.